

APRESENTAÇÃO

O Poético e o Político na Actualidade

Um acontecimento poético representa, de uma forma ou de outra, uma intervenção política no espaço público, material ou discursivo. Ainda que não contenha uma mensagem política directa, ou realize uma afronta aos costumes do perceptivo ou do sensível, sempre se produz, em maior ou menor medida, uma desestabilização da ordem habitual das coisas. Simplesmente, porque o poético nos distancia do que é considerado normal ou tradicional. Mas também porque contém uma promessa de verdade, porque é um radical, no seu sentido etimológico de raiz ou origem, uma dinâmica de expressão e comunicação potencialmente infinita “com lugares e pessoas, sobretudo no caso da poesia não-lírica”.¹

Na base desta função política do poético talvez esteja o seu questionamento da relação ontológica entre a noção do real, que nos é transmitida pela experiência, e as formas como esta acaba por ser normativizada e institucionalizada. Em relação a tudo o que é padrão ou discurso pré-estabelecido, o poético teria, assim, um efeito “ofensivo”² ou, como conclui Antonio Méndez Rubio neste número:

la función poética conlleva una dimensión crítica de testimonio y orientación en el mundo. Y, al tiempo, se deduce de esta reflexión que es justo esta dimensión política y crítica la que explica por qué lo poético ha sido progresivamente evacuado del sistema educativo, filosófico y cultural.

Hoje em dia, a relação entre poética e política reveste-se de múltiplos matizes. Não só devido à sua variação ontológica sobre aquilo que criticam, mas também pelas diferenças

geo-históricas e culturais, algumas das quais estão representadas neste número. Assim, para quem assume a perspectiva da mudança de regime dialéctico, a poética de toda a obra de arte deve assinalar os problemas do seu momento histórico e convidar à acção. Para outros, é na complexidade de outras poéticas e nas habilidades do público que reside a possibilidade de mudança. Individualidade e colectividade nem sempre dão as mãos.

Para mais, organizar um número especial para uma revista portuguesa que admita escritos sobre autoras e autores da Europa e da América Latina implica também, no mínimo, uma dificuldade. As noções de poética e política variam, as aproximações também. Basta referir que, durante décadas, poetas e artistas têm evitado tratar temas políticos ou de género nas suas obras, por recearem perder a sua vida ou os seus rendimentos. O caso do México, com as bolsas outorgadas pelo governo através do extinto Conselho Nacional para a Cultura, ilustra isto muito claramente. Outros envolviam-se abertamente na denúncia, mas desde uma perspectiva minoritária, e em alguns casos em franco *namoro* com as artes visuais ou performativas, o que resultava numa certa dose de permissividade: uma performance política de Lemebel no Chile, por exemplo, não resultava assim tão criticada pelo poder estabelecido porque, verdadeiramente, era ignorada; o *Purgatorio* de Zurita, também no Chile, foi entendido no seu momento histórico como um poema abstracto, não tanto político.

Superando a nossa concepção de “arte política” qualquer restrição temática ou intencional e considerando outras questões, como a adequação enunciativa, a espacialidade ou a *actio* a ela vinculada, importa dizer que certamente os matizes da relação poética e política são inumeráveis espectros de cinzento, não um branco ou um negro. E preferimos tratar o poético, porque em per- e prospectiva é possível relacionar “o que faz” um/a autor/a com outras artes. Expande-se então a ideia de poética e o trabalho do crítico, perfilando uma consideração geral sobre os modos de ler e investigar poesia hoje, ao mesmo tempo que também se torna mais viável entender obras intermediais, o “que fazer” desde o múltiplo.

Nesta linha, será necessário questionar uma vez mais a noção de poesia no nosso tempo, prestando a devida atenção ao seu estatuto multifuncional e instável, e operando depois com noções como “poesia não-lírica”.³ Este último rótulo tornou-se, através de

diferentes trabalhos, uma ferramenta de grande utilidade para descrever e analisar a complexidade e a variedade dos discursos – formais, estéticos, mediais, teóricos, ideológicos, etc. – que condicionam uma parte importante da produção poética actual. O mesmo poderia acontecer com a noção de “espaço público”,⁴ que vem da filosofia política e da história cultural europeia, muito útil para a análise concreta de diferentes fenómenos poéticos; mas também com espacialidade, acontecimento ou resistência cultural, entre outros.

Em muitos âmbitos podemos observar como as aproximações actuais se projetam sobre a cidadania e sobre os que são contemplados como integrantes das “multidões visíveis” (ou com direito a sê-lo). Por outro lado, o poético também encontra meios de manifestação que orbitam à volta da geração de indignados e dos movimentos sociais e políticos alternativos; a performatividade do ser colectivo. Parte destes interesses cristalizam hoje na actividade de certos colectivos, como o Seminário Euraca, que promove a discussão sobre as línguas e as linguagens disponíveis e funciona, ao mesmo tempo, como um dispositivo de emissão-recepção de textos, recitais e poéticas.

Combinando a criação, a atenção teórico-metodológica com a sua aplicação crítica em estudos de caso, abrimos um número plural, polifónico. A filosofia política, a teoria literária, o comparatismo, a hermenéutica e as práticas artísticas convergem em diferentes corpos, espaços ou textos, relacionando praças públicas, prisões, outridades, oralidade e performance, visões sobre as possibilidades e os efeitos de internet, etc. Acreditamos que esta observação cruzada de práticas e discursos de resistência na actualidade, articulados de modo relacional, nos permite repensar as correspondências entre poesia e política, diferenciar entre efeitos performativos e eficácia política imediata, ligando tudo isso ao alargamento da nossa concepção do poético.

Também este número da *eLyra* começa com uma secção de textos poéticos inéditos, neste caso ordenados por âmbito sociocultural e linguístico e, dentro deste, de forma alfabética. Sentimo-nos honrados de poder contar com nomes tão consagrados como os de **Ana Luísa Amaral** e **Manuel Gusmão**, mas também pela participação de **Andreia C. Faria**, uma das mais interessantes revelações poéticas dos últimos anos, e pelo facto de **Ludovica Daddi** estar novamente representada. Oferecemos também uma selecção significativa de

poetas da Galiza, de diferentes gerações: **Luz Pichel**, uma das poetas mais atentas às questões de interferência linguística e aos discursos de fundo histórico, tal como **María do Cebreiro**, **Oriana Méndez** e **Daniel Salgado**, vozes muito conceituadas na poesia galega actual. Na Espanha, **María Salgado** já é uma das poetas jovens mais referenciadas que, como **Luz Pichel**, faz parte do Seminario Euraca; e a poesia de **Tirso Priscilo Vallecillos** costuma centrar-se na realidade social. Finalmente, temos em **Sara Uribe** uma das vozes mais importantes da poesia mexicana actual que, tal como a escrita do peruano **Carlos Villacorta Gonzáles**, exemplifica o trabalho de reconstrução da memória da violência na América Latina.

A secção de estudos começa com uma contextualização teórica e metodológica da relação entre o poético e o político, entre solidão e comunidade na poesia, entre *poiesis*, *aisthesis* e *politeia*. **Antonio Méndez Rubio** considera que esta relação está em crise na actualidade e explora como a criatividade pode tornar-se numa nova forma de comunicação e de vínculo crítico. **Bruno Ministro** contextualiza e analisa os textos de intervenção de Abílio-José Santos e a sua arte postal, para exemplificar os processos de politização da estética e de crítica da estetização da política na sua obra. **Cristina Oliveira Ramos** também se ocupa de um poeta português menos conhecido, ao rever o tema da solidão e do êxodo em José Miguel Silva, a sua militância crítica face à sociedade contemporânea e a sua evasão da comunidade urbana. **Pedro Craveiro** estuda, no contexto político-ideológico da década de 1970 no Brasil, a produção da geração mimeógrafo e do colectivo Nuvem Cigana e os efeitos das suas intervenções no espaço público e para a figura autoral. **Sérgio Bento** revê a influência das tecnologias computacionais e digitais na poesia brasileira contemporânea, os rastros temáticos e o seu impacto estrutural nos poemas, reivindicando uma crítica dos fluxos de informação. **Chiara María Morfeo** apresenta as possibilidades do mundo digital como estratégia para visibilizar a poesia indígena no Chile, especialmente daquela que se afasta das noções históricas aculturadas dos mapuches. No seu estudo sobre poesia peruana actual, **Ilka Kressner** traça um roteiro da cidade neoliberal através dos poemas de Roxana Crisólogo, Victoria Guerrero e Ericka Gherzi, mostrando convenções líricas e propondo alternativas. **Joseba Buj** demonstra como as crónicas poéticas da crítica e tradutora Cristina Burneo Salazar sobre o poeta equadoriano Alfredo Gangotena revelam uma dinâmica

contraditória entre corpo, mulher, povo ancestral (shuar) e território. Desde o âmbito do País Vasco, **Iratxe Retolaza** estuda poéticas de mulheres encarceradas, duplamente silenciadas e invisibilizadas pela sua identidade político-geográfica e pelo seu género num contexto geral de violência política. A partir de uma metodologia comunicativa e participativa, **Maria Gislene Carvalho Fonseca** analisa o género e a língua galega como aspectos políticos nas escolhas discursivas do grupo galego Cinta Adhesiva, ligado à performance poética.

Como complemento a esta variedade de abordagens, dirigimos ainda um inquérito com quatro perguntas a artistas, poetas e investigadores, para que reflectissem sobre a relação entre o poético e o político no seu trabalho. Reunimos figuras muito diversas, procedentes de diferentes contextos artísticos e sócio-culturais: o professor universitário e poeta **Arturo Casas**; o artista urbano **Miguel Januário**; poetas como **Daniel Salgado**, **Luz Pichel** e **Manolo Pipas**; a romancista **Isabela Figueiredo**, porque não queríamos excluir a noção do poético na ficção; os âmbitos da videoarte e performance, com **Ester Xargay** e **Maria Rosendo**.

A última secção, “Política do Olhar”, compila fotografias de intervenções e constelações poético-políticas no espaço público, para mostrar a importância dos sistemas de significação não-verbal na interacção e mediação públicas. Sem pretensão de criarmos um registo ou uma classificação, apresentamos aqui só uma pequena selecção, minimamente documentada, da realidade e das mudanças que o mero acto de transitar certas cidades europeias e latino-americanas — Almada, Bruxelas, Lisboa, Montevideo, Paris, Salamanca — pode suscitar.

Como é óbvio, esta indagação da relação do poético e político, apesar de toda a ambição internacional e abertura ao intermedial e interartístico, não pode ser mais do que um início do levantamento de dados e dos estudos necessários para obter uma caracterização mais definitiva desta constelação na actualidade. A centralidade da linguagem para a concepção do poético e do político continua a ser inegável, tal como o facto de toda a expressão cultural ter uma dimensão política. Estamos impelidos a continuar a explorar esta relação, como no-lo sugere aqui Antonio Méndez Rubio:

se trata pues de reconsiderar el vínculo entre poesía y mundo, entre poética y política, de modo que puedan comprenderse y activarse más libremente las potencialidades críticas, de cambio social, que radican tanto a un lado como a otro de ese vínculo.

Os nossos agradecimentos vão, em primeiro lugar, à equipa editorial e técnica da *eLyra*, mas também a todas as pessoas que nos apoiaram das formas mais diversas: Ana Chouciño, Cornelia Gräbner, Miguel Januário, Isaac Lourido, Joana Meirim, Carlos Nogueira, Margalida Pons e Sonia Montes Romanillos.

Alethia Alfonso
Burghard Baltrusch
Alba Cid
Cristina Tamames

NOTAS

¹ Chamberlain, Daniel F. (2015), "Radical Meeting Places, Poetry and the Public Domain", *Liminalities: A Journal of Performance Studies*, 11:3, 4-5.

² Cf. Adams, Hazard (2007), *The Offense of Poetry*, Seattle, University of Washington Press.

³ Cf. Casas, Arturo (2012), "Preliminar: acción pública del poema", *Tropelías*, 18, 3-14 e (2015), "La poesía no lírica: enunciación y discursividad poéticas en el nuevo espacio público", in Cid & Lourido 2015: 83-110; Baltrusch, Burghard & Lourido, Isaac (eds., 2012), *Non-Lyric Discourses in Contemporary Poetry*, München, Peter Lang.

⁴ Cf. Cid, Alba & Lourido, Isaac (eds., 2015), *La poesía actual en el espacio público*, Villeurbanne, Orbis Tertius.